

A NARRATIVIDADE DO JORNAL *THE NEW YORK TIMES* NA COBERTURA DA GUERRA NA SÍRIA: REVISITANDO O ESTUDO SOBRE A INTRIGA

MAURICIO DEMICHELLI*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 13 set. 2019. Aprovado em: 17 set. 2019.

Como citar este artigo: DEMICHELLI, M. A narratividade do jornal *The New York Times* na cobertura da guerra na Síria: revisitando o estudo sobre a intriga. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 19, n. 3, p. 76-94, set./dez. 2019. doi: 10.5935/cadernosletras.v19n3p76-94

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a guerra na Síria assim como retratada pelo jornal estadunidense *The New York Times* por uma perspectiva da narratividade. Procuramos demonstrar, com base nas teorias de Tzvetan Todorov (1970), que a ordem da narrativa descrita pelo autor está presente na maneira como a imprensa descreve o conflito, pois essa estrutura constitui um saber que molda a forma como nos relacionamos com a realidade e a experiência.

Palavras-chave

Discurso. Guerra na Síria. Narrativa.

* E-mail: demichelli@terra.com.br
 <https://orcid.org/0000-0001-5892-5581>

Procuramos com este artigo revisitar as teorias sobre a narratividade de Tzvetan Todorov, buscando estender seus domínios para além da teoria literária. Exploramos os conceitos básicos sobre a estrutura da narrativa para o estudo de um outro gênero textual a fim de percebermos as suas contribuições para a compreensão do fenômeno da narratividade. Especificamente, analisamos, neste trabalho, as contribuições para o entendimento da mídia jornalística, notadamente artigos que buscam descrever e debater acontecimentos do mundo. Para isso, escolhemos a cobertura inicial que o jornal estadunidense *The New York Times* fez da guerra na Síria.

Todorov (1970) afirma que o objetivo geral de seu trabalho é a apresentação de uma teoria do funcionamento da estrutura literária vista como um gênero, sendo a obra apenas uma particularização, um caso realizado. Seu objetivo é o discurso literário sem particularizar a obra literária, aquilo que ele chama de “literatura virtual”, mais do que a “literatura real”. Dessa forma, encontramos uma abertura na teoria de Todorov, exatamente pelo fato de o autor classificar sua teoria como um “gênero virtual”, que nos permite, de uma forma generalizada, analisar outros gêneros como formas narrativas particularizadas que podem seguir os mesmos padrões de discurso.

Visando uma perspectiva científica, Todorov (1970) afirma que a análise estrutural tem como objetivo o entendimento de conceitos como “descrição e ação” e que estes são abstratos, não existindo em estado puro. Podemos, a partir dessa descrição da visão da teoria literária de Todorov, analogamente, afirmar que os conceitos de “descrição” e “ação” não são restritos apenas ao universo literário, pois não são manifestações concretas que podem ser observadas em “estados puros” restritos ao âmbito literário.

O conceito-chave proposto por Todorov (1970) é o da *intriga*. O autor tem como ponto de partida a ideia de que a intriga é aquilo que o leitor, muito mais do que o crítico, busca em um livro, dessa forma, ele lê um livro como a narrativa de uma intriga. A partir dessa premissa, o autor busca algumas categorias que permitam a identificação e a descrição da intriga.

O esquema básico da intriga proposto por Todorov pode ser descrito como dois agentes X e Y, em que X viola uma lei, e isso implica que Y deve punir X. Nesse esquema, X tenta evitar a punição, fazendo com que Y acredite que X não viola a lei ou levando Y a também cometer uma violação da lei. Por fim, Y não pune X.

De acordo com Todorov (1970), podemos perceber nesse esquema que as categorias de identificação e descrição da intriga são análogas a certas categorias

da língua. A intriga pode, por exemplo, ser representada por uma oração. Dentro da oração, percebemos duas unidades menores, as partes do discurso. Uma das unidades é composta pelos agentes (X e Y). Eles são nomes próprios e desempenham funções de sujeito e objeto da oração, são referenciais e não descritivos. A segunda unidade é o predicado, representado pelos verbos (violar, punir, evitar). Os verbos têm como função nomear a ação que é a modificadora da ação anterior.

Todorov (1970) observa que, em uma análise mais detalhada dos contos, perceberíamos uma terceira parte do discurso narrativo: a qualidade ou o adjetivo que não transformam a situação. Outra observação diz respeito às ações desempenhadas pelos verbos que podem ser positivos ou negativos, correspondendo a uma categoria de estatuto.

O autor aponta também a questão da modalidade. O fato de que Y deve punir X descreveria uma ação ainda não existente, mas presente em sua virtualidade. O ponto de vista, segundo o autor, também aparece na estrutura da intriga. Quando dizemos que Y acredita que X não viola uma lei, temos uma percepção diferente da ação, ou seja, um ponto de vista, aquele criado por Y.

Todorov (1970) analisa também a questão das orações. No esquema da intriga apresentado, podemos perceber que as orações são causais, mas que pragmaticamente poderiam aparecer como pressupostos ou implicaturas. Oração temporais ou espaciais também aparecem na análise da estrutura de outros contos nos quais a narrativa localiza relações temporais e geográficas em suas estruturas.

O autor aponta ainda que é nessa sucessão de orações que a sequência da estrutura narrativa vai sendo organizada em unidades sintagmáticas. Essa narrativa mínima, a unidade, é percebida pelo leitor como uma história acabada.

Todas essas divisões propostas pelo autor remetem às teorias do funcionamento da linguagem. Segundo Martelotta (2012), desde o século XIX, os linguistas afirmam que uma das características essenciais da linguagem humana é a articulação. Um enunciado não é um todo indivisível, ele se apresenta por partes, pode ser decomposto em partes ou unidades menores que são formadoras de outros e diversos enunciados. A linguagem é, portanto, o resultado ou a união de elementos que não estão presentes apenas em um enunciado/texto mas em vários, articulados de maneira diferente. A teoria proposta por Todorov (1970) segue, então, o mesmo princípio linguístico de articulação, ou seja, aquilo que é visto dentro da estrutura da literatura pertence, em primeira instância, à estrutura linguística e, portanto, é parte essencial da língua encontrada em qualquer gênero textual.

Partindo dessas premissas, podemos retornar ao objetivo deste artigo, que procura demonstrar a presença dessa estrutura narrativa no gênero textual jornalístico que, semelhante ao texto literário, pretende comunicar uma experiência. Essa experiência, então, encaixa-se em um quadro narrativo característico do discurso ficcional literário. Na transposição da experiência em comunicação, o falante utiliza a mesma estrutura da ficção transformando a experiência em ficção narrativa a partir de uma unidade mínima.

Assim, se o leitor da ficção vai para um livro com a ideia de encontrar a narrativa de uma intriga é porque essa categoria já existe em sua forma de perceber a narratividade da experiência. Da mesma forma, a narrativa jornalística procura obedecer a essa categoria existente, dando ao leitor aquilo que ele espera.

Aprofundando um pouco mais na descrição de Todorov (1970), encontramos algumas outras noções que serão úteis no desenvolvimento de nossa análise. O autor apresenta a “intriga mínima” como uma passagem de um equilíbrio prévio a outro. A narrativa parte de um estado de equilíbrio para um desequilíbrio (uma degradação) e um retorno ao equilíbrio, chamado de “punição evitada” pelo autor, ou a uma outra forma de equilíbrio (melhora) que Todorov chama de “conversão”.

Mais adiante, o autor fará um estudo do romance policial, considerando-o como uma literatura de massa, que, como tal, é um tipo de romance que tende a não transgredir sua estrutura. Achamos aqui um paralelo com a mídia escrita, também um gênero destinado à massa e que conserva padrões bastantes rígidos e antigos em sua estrutura. Destacaremos a seguir traços levantados por Todorov (1970) da estrutura do romance policial que usaremos em nossa análise da mídia jornalística.

O romance policial se constrói em cima de dois assassinatos: o primeiro, evidentemente, é o cometido pelo assassino, e o segundo refere-se àquele em que ele é a vítima de um detetive. O tempo do romance pode ser dividido em dois: os dias do drama que culminam no assassinato e os dias do inquérito, obedecendo às duas lógicas apresentadas. Essa estrutura nos leva a duas histórias: do crime e do inquérito, e, temporalmente, a segunda história começa quando a primeira acaba.

A segunda história contém poucas ações, é apenas uma descoberta. Nesse gênero, a imunidade do detetive é uma regra. Essa é a própria narrativa, o narrador, que conta a história do detetive, reconhece que está escrevendo uma história, um livro. A primeira história é a história da ação, daquilo que se pas-

sou, e a segunda é a história de como o leitor tomou conhecimento da primeira. Todorov (1970) apresenta então dois conceitos relacionados às duas histórias. A *fábula* é relacionada à primeira história, aos fatos, e a *trama* está relacionada à segunda, à maneira como a primeira é apresentada.

A primeira história é a história de uma ausência, ela não se encontra imediatamente presente no livro, mas é real. E a segunda história, a presente, não é a significativa, é a descritiva.

Tendo como base as premissas descritas, com foco na unidade da intriga, analisaremos o objeto de estudo deste artigo. Tomaremos os conceitos já explicitados e buscaremos verificar a presença da estrutura descrita na cobertura da guerra na Síria realizada pelo jornal *The New York Times*.

Para a realização da análise, selecionamos algumas reportagens e artigos publicados no jornal a partir de março de 2011, logo no início dos conflitos na Síria, e artigos posteriores (2014), observando primeiramente as manchetes e os lides e, se necessário, o desenvolvimento do artigo. Todos os artigos foram pesquisados utilizando os filtros de busca no *site* do jornal.

Daremos início à nossa análise buscando estabelecer o primeiro nó da teoria da intriga descrita (X VIOLA UMA LEI). Observemos os seguintes excertos datados do início dos conflitos:

- Excerto 1¹

Syrian Troops Open Fire on Protesters in Several Cities

By MICHAEL SLACKMAN

Published: March 25, 2011

CAIRO — Military troops opened fire during protests in the southern part of Syria on Friday and killed peaceful demonstrators, according to witnesses and news reports, hurtling the strategically important nation along the same trajectory that has altered the landscape of power across the Arab world.

Tens of thousands of demonstrators in the southern city of Dara'a and in other cities and towns around the nation took to the streets in protest, defying a state that has once again demonstrated its willingness to use lethal force.

1 Tropas sírias abrem fogo contra manifestantes em várias cidades/ Por MICHAEL SLACKMAN/ Publicado: 25 de março de 2011/ CAIRO – Tropas militares abriram fogo durante protestos na parte sul da Síria na sexta-feira e mataram manifestantes pacíficos, de acordo com testemunhas e reportagens, atacando a nação importante estrategicamente na mesma trajetória que alterou a paisagem do poder em todo o mundo árabe./ Dezenas de milhares de manifestantes na cidade sulista de Dara'a, e em outras cidades do país foram às ruas em protesto, desafiando um Estado que mais uma vez demonstrou sua disposição de usar a força letal (tradução nossa).

Nesse primeiro trecho, podemos observar a ação das tropas militares, comandadas pelo governo sírio abrindo fogo e matando civis em um protesto pacífico. O excerto também aponta a disposição do Estado em usar a força letal para conter os protestos. Duas violações se fazem presentes e se colocam contra a Declaração Universal dos Direitos Humanos:

- Artigo III: “Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”.
- Artigo XX: “Toda pessoa tem direito à liberdade de reunião e associações pacíficas”.
- Excerto 2²

In Syria, Tension and Grief After Protests and Government Retaliation

By MICHAEL SLACKMAN and LIAM STACK; An employee of The New York Times contributed reporting from Damascus, Syria.

Published: March 27, 2011

CAIRO – Violence continued to plague Syria on Saturday, as government forces **killed more demonstrators** in Latakia, protesters burned offices of the ruling party in the south and west, and mourners throughout the country buried the dozens of unarmed protesters killed a day earlier.

President Bashar al-Assad of the ruling Baath Party began the day in what appeared to be a gesture intended to ease the crisis, when he announced the release of as many as 200 political prisoners. But by sunset, Baath Party offices were burning in at least two cities, the military was deployed in Latakia and once again government forces opened fire with live rounds, witnesses said.

After more than a week of protests and **human rights groups confirming that 61 people had been killed by government forces**, there appeared to be no clear path forward for protesters, who had erupted in angry demonstrations around the country on Friday, or for the government, which has offered words of compromise at the same time that it has unleashed lethal force.

- 2 Na Síria, tensão e sofrimento após protestos e retaliação do governo/ Por MICHAEL SLACKMAN e LIAM STACK; Um funcionário do The New York Times contribuiu com reportagem de Damasco, na Síria./ Publicado: 27 de março de 2011/ CAIRO – A violência continuou a atormentar a Síria no sábado, quando forças do governo **mataram mais manifestantes** em Latakia, manifestantes queimaram escritórios do partido no sul e oeste, e pessoas de todo o país enterraram dezenas de manifestantes desarmados mortos no dia anterior./ O presidente Bashar al-Assad, do partido governista Baath, começou o dia com um gesto que parecia facilitar a crise, quando anunciou a libertação de cerca de 200 presos políticos. Mas, ao final do dia, os escritórios do Partido Baath foram incendiados em pelo menos duas cidades. Os militares foram enviados para Latakia e mais uma vez as forças do governo abriram fogo, disseram testemunhas./ Depois de mais de uma semana de protestos e **grupos de direitos humanos confirmando que 61 pessoas haviam sido mortas por forças do governo**, parecia não haver um caminho claro a seguir para manifestantes, que irromperam em manifestações raivosas em todo o país na sexta-feira ou para o governo, que ofereceu palavras de um possível acordo ao mesmo tempo que usou a força letal (tradução nossa).

Nesse segundo trecho, observamos que, claramente, a morte de manifestantes é narrada como responsabilidade das forças do governo, já trazendo estatísticas (dúzias). Os manifestantes também são descritos como não armados, e testemunhamos o aval de grupos de direitos humanos confirmando a morte de 61 pessoas.

Mais uma vez observamos a violação do direito à vida, avalizada por instituições que visam garantir esse mesmo direito.

- Excerto 3³

Syria Escalates Crackdown as Tanks Go to Restive City

By ANTHONY SHADID

Published: April 25, 2011

BEIRUT, Lebanon – The Syrian Army stormed the restive city of Dara’a with tanks and soldiers and helped detain dozens in towns across the country Monday in an escalation of the crackdown on Syria’s five-week-old uprising, according to residents and human rights activists. They said at least **25 people had been killed** in Dara’a, with reports of **bodies strewn in the streets**.

O terceiro trecho confirma a mesma informação anterior, a morte e prisão de manifestantes e ainda com o detalhamento, desumano, de corpos jogados nas ruas. Claramente, podemos observar no discurso que o governo sírio viola uma lei matando pessoas. A primeira parte da intriga mínima se estabelece.

GOVERNO SÍRIO (X) VIOLA UMA LEI (DIREITO À VIDA E À LIBERDADE)

Encaminhando nossa análise, buscaremos encontrar o segundo nó da intriga de Todorov (Y DEVE PUNIR X). Observemos os seguintes excertos.

3 A Síria aumenta a repressão quando os tanques vão para a cidade rebelde/ Por ANTHONY SHADID/ Publicado: 25 de abril de 2011/ BEIRUTE, Líbano – O Exército Sírio invadiu a cidade rebelde de Dara’a com tanques e soldados e ajudou a deter dezenas de manifestantes em todo o país na segunda-feira em uma escalada da repressão ao levante de cinco semanas na Síria, segundo moradores e direitos humanos ativistas. Eles disseram que pelo menos **25 pessoas foram mortas** em Dara’a, com relatos de **corpos espalhados nas ruas** (tradução nossa).

- Excerto 4⁴

U.S. Imposes Sanctions on Syrian Leader and 6 Aides

By STEVEN LEE MYERS and ANTHONY SHADID

Published: May 18, 2011

WASHINGTON – The United States intensified political and economic pressure on Syria on Wednesday by imposing **sanctions** on President Bashar al-Assad and six other senior Syrian officials in the wake of a bloody crackdown on political protests in the country. The sanctions against Syria reflected mounting American frustration that Mr. Assad's government was ignoring international **condemnation** by not pursuing a peaceful resolution to the popular uprising that has swept the country since March. The European Union's chief foreign policy official, in Washington for talks, said that the group's 27 member nations were also considering a significant expansion of sanctions.

Nesse excerto, podemos observar um movimento de punição aos líderes sírios. A imposição de sanções vem por parte dos Estados Unidos ao presidente Bashar al-Assad e aos seus colaboradores. Na quinta linha, textualmente, o artigo, ao usar o substantivo “*condemnation*”, derivado do verbo “*condemn*”, julga o governo por não buscar uma solução pacífica para as manifestações. Essa ação julgadora norte-americana já está servindo como parâmetros para outras 26 nações, que também em resposta aos ataques na Síria consideram fazer parte das sanções. O nó de Todorov está dado: Y (Estados Unidos e outros) deve punir X (governo sírio). A intenção da punição, a ação virtual, já é visível.

- Excerto 5⁵

White House, in Shift, Turns Against Syria Leader

By MARK LANDLER and DAVID E. SANGER

Published: July 12, 2011

4 EUA impõem sanções contra líder sírio e 6 assessores/ STEVEN LEE MYERS e ANTHONY SHADID/ Publicado: 18 de maio de 2011/ WASHINGTON – Os Estados Unidos intensificaram a pressão política e econômica sobre a Síria na quarta-feira, impondo **sanções** ao presidente Bashar al-Assad e a outras seis autoridades sírias após uma sangrenta repressão aos protestos políticos no país./ As sanções contra a Síria refletiram a crescente frustração americana do governo de Assad estar ignorando a **condenação** internacional e por não buscar uma solução pacífica para a revolta popular que varre o país desde março. O principal oficial de política externa para negociações da União Europeia, em Washington, disse que os 27 países membros do grupo também estão considerando uma expansão significativa das sanções (tradução nossa).

5

WASHINGTON – The Obama administration, after weeks of urging Syria to carry out democratic reforms and end a brutal crackdown, has now turned decisively against President Bashar al-Assad, saying that he has lost legitimacy and that it has no interest in Mr. Assad keeping his grip on power.

President Obama, in an interview Tuesday with the “CBS Evening News,” stopped short of demanding that Mr. Assad step down. But administration officials said the president may take that step in coming days, as he did with Libya’s leader, Col. Muammar el-Qaddafi, much earlier in that country’s popular uprising.

O excerto 5, datado dois meses após o excerto 4, nos mostra que os Estados Unidos, na figura de seu presidente, já se colocam, afirmativamente, contra Bashar al-Assad. Essa posição norte-americana parece colocar o país na função de juiz, aquele que encaminha o julgamento, o inquérito.

Vale ressaltar aqui que papéis são assumidos voluntariamente ou não em toda essa cobertura dos conflitos na Síria. Se pensarmos nos termos da estrutura do romance policial proposto por Todorov, a mídia, aqui o jornal *The New York Times*, faz o papel de detetive, que busca narrar o tempo do drama, ou seja, o tempo da guerra. São as narrativas do crime, este cometido pelo governo Sírio, na figura de seu presidente, Bashar al-Assad, que parecem povoar todo o trabalho dos jornalistas na cobertura dos conflitos. Eles vão demonstrando os crimes cometidos contra os manifestantes cerceando os direitos à vida e à liberdade. É a *fábula* sendo construída, ou seja, os fatos.

Mas, ao mesmo tempo que a mídia relata os dias do crime, ela também descreve os dias do inquérito, publicando artigos como os dois vistos. São artigos que não estão narrando os dias do crime, como os do primeiro bloco em que demonstramos o primeiro nó da intriga. Esse segundo bloco nos mostra os dias do inquérito, acompanhando o papel dos Estados Unidos na condição de líder do julgamento das ações cometidas por aquele(s) que infringiram as leis. É a *trama*, ou seja, a forma com que a *fábula* é apresentada.

A mídia adquire aqui um duplo papel: a da narração dos dias do crime em paralelo à narração dos dias do inquérito. Também é comum perceber que

em alguns artigos ela também pode exercer um papel mais ativo no inquérito, sendo também uma figura participante do julgamento do crime, ora se colocando a favor do criminoso, ora contra ele. Ao mesmo tempo que a narração do crime e do inquérito é feita, há um discurso que julga tanto o crime quanto o inquérito, opinando em todos os âmbitos da narrativa. Esse narrador narra seu ponto de vista da ação e ao mesmo tempo julga e comenta aquilo que narra e as ações desenvolvidas pelos personagens.

Voltando à questão do romance policial, poderíamos ainda complementar que, durante a narração dos dias do inquérito, o segundo assassinato se desenvolve. O criminoso torna-se vítima de um detetive. Colocando em termos mais específicos do objeto de estudo deste artigo, o criminoso (governo da Síria) torna-se vítima do detetive (alternando entre Estados Unidos e comunidade internacional e mídia).

As duas histórias e os dois assassinatos presentes na estrutura do romance policial apresentam-se aqui da seguinte forma:

Duas histórias	Dois assassinatos	
Dias do crime	Assassino	Governo sírio
	Vítima	Manifestantes
Dias do inquérito	Assassino	Governo norte-americano e mídia
	Vítima	Governo sírio

- Excerto 6⁶

U.S. and Allies Say Syria Leader Must Step Down

By STEVEN LEE MYERS

Published: August 18, 2011

6 EUA e aliados dizem que líder da Síria deve renunciar/ Por STEVEN LEE MYERS/ Publicado: 18 de agosto de 2011/ WASHINGTON – Os Estados Unidos e vários de seus principais aliados pediram na quinta-feira ao presidente da Síria, Bashar al-Assad, que renuncie ao poder. Os anúncios cuidadosamente coreografados vieram depois de meses de protestos populares e represálias cada vez mais mortais que, segundo o comissário das Nações Unidas para os direitos humanos, equivaliam a crimes contra a humanidade de responsabilidade das autoridades sírias./ O presidente Obama, que havia sido criticado por não agir de maneira mais assertiva, ordenou o congelamento de todos os ativos sírios dentro da jurisdição americana, proibiu a importação de petróleo sírio e proibiu os cidadãos americanos de terem qualquer negócio com o governo sírio, que anteriormente foi cortejado pelo governo na esperança de melhorar as relações (tradução nossa).

WASHINGTON – The United States and several of its major allies on Thursday called on Syria's president, Bashar al-Assad, to give up power. The carefully choreographed announcements came after months of popular protests and increasingly deadly reprisals that the United Nations commissioner for human rights said amounted to crimes against humanity by the Syrian authorities.

President Obama, who had faced criticism for not acting more assertively, ordered the freezing of all Syrian assets within American jurisdiction, banned imports of Syrian oil and barred American citizens from having any business dealings with the Syrian government, which the administration once courted in the hopes of improving relations.

A mesma estrutura pode ser observada nesse excerto. Os Estados Unidos e aliados pedem a renúncia do presidente sírio. O pedido tem legitimação das Nações Unidas que declaram que as autoridades sírias cometeram crimes contra a humanidade. A sanção imposta pelo governo dos Estados Unidos é o congelamento de bens de autoridades sírias em jurisdição norte-americana, bem como a proibição da importação de óleo da Síria e a suspensão de quaisquer negócios com o governo do país.

Um ponto a ser observado nesse excerto é a de que o presidente Barack Obama sofreu críticas por não agir de modo mais assertivo nos conflitos. Esse ponto nos leva à análise do terceiro nó da teoria de Todorov. Nessa etapa da intriga, X tenta evitar a punição de duas formas: ou fazendo Y perceber que a lei não foi quebrada ou levando Y a também quebrar uma lei. Esse último é o que nos interessa. Vejamos a seguir trechos que justificariam a segunda alternativa proposta por Todorov para o terceiro nó da intriga.

- Excerto 7⁷

An Arab War-Crimes Court for Syria

By ARYEH NEIER

Published: April 4, 2012

THE United States and other governments **don't want to intervene militarily** in Syria. That's understandable; hardly anyone wants another Middle East war.

7 Tribunal Árabe de Crimes de Guerra para a Síria/ Por ARYEH NEIER/ Publicado: 4 de abril de 2012/ Os Estados Unidos e outros governos **não querem intervir militarmente** na Síria. Isso é compreensível; quase ninguém quer outra guerra no Oriente Médio./ Ao procurar outras maneiras de garantir que o governo sírio e seus capangas paguem um preço pelo abate de seus cidadãos, as **autoridades dos Estados Unidos estão buscando maneiras de levá-los à justiça**. Um tribunal de crimes de guerra administrado pela Liga Árabe poderia ser a solução. A experiência de países devastados pela guerra, como a Bósnia, provou que esses tribunais podem funcionar, se adequadamente projetados./ No fim de semana

In seeking other ways to ensure that the Syrian government and its henchmen pay a price for slaughtering their citizens, **United States officials are seeking ways to bring them to justice.** A war crimes tribunal run by the Arab League could be the solution. The experience of war-torn countries like Bosnia has proved that such tribunals can work, if properly designed.

Last weekend, Secretary of State Hillary Rodham Clinton said that the United States would “support and train Syrian citizens working to document atrocities, identify perpetrators, and safeguard evidence for future investigations and prosecutions.” A difficulty with this plan, however, is how to use the evidence that is collected. **Syria is not a party to the treaty for the International Criminal Court in The Hague, and Russia and China would most likely use their veto power to block any United Nations Security Council effort to refer the case to the court.**

O excerto traz explicitamente a intenção norte-americana de não intervir militarmente na Síria, justificando que ninguém iria querer uma nova guerra no Oriente Médio. A proposta trazida pelo governo norte-americano retratada nesse trecho seria a criação de um tribunal que pudesse julgar e punir o governo sírio. Temos então a contraposição a essa tentativa de um plano de paz. A Síria não faz parte do Pacto de Haia, e a China e a Rússia fariam objeções a levar o caso à corte. O que observamos é uma série de movimentos diplomáticos que buscam legitimidade para as ações contra a Síria. Parece-nos importante agora reconhecer o motivo da busca por legitimidade retratada por esse excerto e por muitos outros do período. Em vários artigos, encontramos o governo norte-americano, muito caracterizado na pessoa do presidente Barack Obama, buscado essa mesma legitimidade fora e dentro dos Estados Unidos. O próximo excerto nos ajudará a refletir sobre essa questão.

- Excerto 8⁸

China Warns West Against Using Force in Syria

By KEITH BRADSHER

Published: June 4, 2012

passado, a secretária de Estado Hillary Rodham Clinton disse que os Estados Unidos “apoiariam e treinariam cidadãos sírios trabalhando para documentar atrocidades, identificar criminosos e salvar guardar evidências para futuras investigações e ações penais”. Porém, uma dificuldade com esse plano é como usar as evidências coletadas. **A Síria não é parte do tratado do Tribunal Penal Internacional em Haia, e a Rússia e a China provavelmente usariam seu poder de veto para bloquear qualquer esforço do Conselho de Segurança das Nações Unidas para encaminhar o caso ao tribunal** (tradução nossa).

- 8 **China adverte Ocidente contra o uso da força na Síria/ Por KEITH BRADSHER/ Publicado: 4 de junho de 2012/ HONG KONG – O jornal oficial do Partido Comunista Chinês alertou nesta segunda-feira**

HONG KONG – The Chinese Communist Party’s official newspaper warned on Monday against Western military intervention in Syria, in a strongly worded reminder that China, like Russia, is wary of forceful international action even as the civil conflict in Syria grows much bloodier.

“The Syrian question should be resolved by the Syrian people,” said a commentary in People’s Daily. **“Outside powers do not have the right to stick their hands in.”**

The position taken by People’s Daily echoed remarks by President Vladimir V. Putin of Russia, who said Friday that while he saw worrying signs of an emerging civil war in Syria, he was also opposed to Western intervention. **“You cannot do anything by force,”** Mr. Putin said.

No trecho, encontramos duas partes claramente contra qualquer intervenção militar na Síria: China e Rússia. No discurso, percebemos que ambas afirmam que qualquer intervenção na Síria resultaria em mais sangue.

Duas sentenças, em negrito, nos chamam a atenção nesse excerto, em ambas a intervenção militar forçada se posta contra um direito ou uma lei. No discurso da China e Rússia, qualquer ação militar que resultaria no uso da força seria condenável, uma vez que interferiria no direito do próprio país, matando, talvez, mais pessoas e intensificando os conflitos na região.

Parece-nos, então, que o que mencionamos na análise anterior está ligado com a constituição de um Estado de Direito que justificasse uma ação militar na Síria, e que, enquanto esse Estado de Direito não fosse criado, qualquer ação seria uma violação da lei. Por se tratar de um assunto de ordem internacional, é necessário que esse Estado de Direito seja criado por mecanismos internacionais, e não apenas pelo interesse de um Estado ou grupo. Qualquer ação que ultrapassasse os limites seria julgada contrária aos limites impostos por mecanismos de preservação de um consenso nos direitos internacionais. O trecho apresentado a seguir, de setembro de 2013, resume o que acabamos de mencionar.

ser contra a intervenção militar ocidental na Síria, em um forte lembrete de que a China, como a Rússia, tem receio de uma ação internacional vigorosa, mesmo quando o conflito civil na Síria se torna muito mais sangrento./ “A questão da Síria deve ser resolvida pelo povo sírio”, disse um comentário no People’s Daily. **“Poderes externos não têm o direito de colocar as mãos.”**/ A posição adotada pelo People’s Daily ecoou as observações do presidente Vladimir V. Putin, da Rússia, que disse sexta-feira que, embora tenha visto sinais preocupantes de uma guerra civil emergente na Síria, ele também se opõe à intervenção ocidental. **“Você não pode fazer nada à força”**, disse Putin (tradução nossa).

- Excerto 9^o

On Syria, a U.N. Vote Isn't Optional

By OONA A. HATHAWAY and SCOTT J. SHAPIRO

Published: September 3, 2013

NEW HAVEN — THE world is in a bind. Syria has violated basic norms of international law and humanity by using chemical weapons on its own people. The United Nations, which is supposed to secure international peace, is paralyzed by the intransigence of Russia and China, which hold vetoes on the Security Council.

It is no surprise that both liberal interventionists and neoconservative realists are advocating American military intervention, even if it is illegal. As President Obama said on Saturday, "If we won't enforce accountability in the face of this heinous act, what does it say about our resolve to stand up to others who flout fundamental international rules?"

O texto deixa explícito o Estado de Direito que mencionamos. Por um lado, a Síria viola leis básicas internacionais, e, por outro, as Nações Unidas não conseguem assegurar a paz por conta de vetos da Rússia e China no conselho de segurança. Apenas com esses votos, o Estado de Direito estaria garantido para uma ação militar na Síria que buscasse o final dos conflitos.

Fica compreensível o discurso norte-americano. Qualquer ação invasiva na Síria os colocaria em violação de um Estado de Direito, e, portanto, eles se igualariam à Síria na violação da lei. Temos então o estabelecimento do terceiro nó na teoria de Todorov: Y (Estados Unidos) também quebraria uma lei.

Para finalizar, buscaremos o quarto nó. Aquele em que Y não pune X. Observemos os próximos excertos.

- Excerto 10^o

9 No caso da Síria, o voto da ONU não é opcional/ Por OONA A. HATHAWAY e SCOTT J. SHAPIRO/ Publicado: 3 de setembro de 2013/ NEW HAVEN – O mundo está em um dilema. A Síria violou as normas básicas dos direitos internacionais e da humanos usando armas químicas em seu próprio povo. As Nações Unidas, que deveriam garantir a paz internacional, estão paralisadas pela intransigência da Rússia e da China, que detêm vetos no Conselho de Segurança./ Não é surpresa que tanto os intervencionistas liberais quanto os realistas neoconservadores estejam advogando a intervenção militar americana, mesmo que seja ilegal. Como o presidente Obama disse no sábado: “Se não formos uma prestação de contas diante desse ato hediondo, o que isso pode dizer sobre a nossa determinação de enfrentar pessoas que desrespeitam as regras internacionais fundamentais?” (tradução nossa).

10 Obama apoia a ideia de a Síria ceder o controle de armas/ Por MICHAEL D. SHEAR, MICHAEL R. GORDON e STEVEN LEE MYERS/ Publicado: 9 de setembro de 2013/ WASHINGTON – O presidente Obama apoiou na segunda-feira uma tentativa diplomática russa de evitar um ataque militar dos Estados Unidos à Síria, fazendo com que monitores internacionais assumam o controle das armas químicas do governo sírio. A medida acrescentou nova incerteza entre aliados, público americano e membros do Congresso ao esforço de Obama para obter apoio por um ataque./ Em uma série de entre-

Obama Backs Idea for Syria to Cede Control of Arms

By MICHAEL D. SHEAR, MICHAEL R. GORDON and STEVEN LEE MYERS

Published: September 9, 2013

WASHINGTON — President Obama on Monday tentatively embraced a Russian diplomatic proposal to avert a United States military strike on Syria by having international monitors take control of the Syrian government's chemical weapons. The move added new uncertainty to Mr. Obama's push to win support among allies, the American public and members of Congress for an attack.

In a series of television interviews with six cable and broadcast networks, Mr. Obama capped a remarkable day of presidential lobbying for military action and a dizzying series of developments at home and abroad. Sergey V. Lavrov, the Russian foreign minister, said early Monday that Syria could avoid an attack by putting its chemical weapons in the hands of monitors and agreeing to ultimately eliminate its massive arsenal of poison gas. It was an idea that was quickly praised by top officials in Syria and some lawmakers in the United States.

"It's possible," Mr. Obama said on CNN of the Russian proposal, "if it's real."

Enquanto a intervenção, que seria a punição de X, não pode ser realizada, pois faria com que Y também violasse a lei, uma solução diplomática parece o melhor caminho. Esse artigo descreve uma proposta feita pela Rússia que poderia levar o conflito a um fim ou reduzir o número de mortes na Síria. A proposta de que organismos internacionais controlassem as armas químicas do governo sírio tem a simpatia do governo norte-americano. Uma estratégia desse tipo controlaria o número de mortes, mas não puniria o governo sírio. Dessa forma, o papel internacional de manutenção de uma paz mundial poderia se encaminhar para um desfecho. O trecho apresentado a seguir nos mostra que foi exatamente esse o caminho escolhido.

- Excerto 11¹¹

vistas na televisão com seis redes de TV a cabo e de transmissão, Obama desenvolveu um *lobby* presidencial pela ação militar e uma confusa série de ações no país e no exterior. O ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey V. Lavrov, disse na segunda-feira que a Síria poderia evitar um ataque colocando suas armas químicas nas mãos dos monitores e concordando em finalmente eliminar seu arsenal de gás venenoso. Foi uma ideia que foi rapidamente elogiada por altos funcionários da Síria e alguns legisladores dos Estados Unidos./ "É possível", disse Obama na CNN sobre a proposta russa, "se for real" (tradução nossa).

- 11 Ocidente diz que ONU se aproxima resolução da Síria/ Por SOMINI SENGUPTA/ Publicado: 25 de setembro de 2013/ NAÇÕES UNIDAS – Após meses de paralisação, membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas se aproximaram de uma resolução salutar sobre a Síria, disseram diplomatas ocidentais na quarta-feira, embora a Rússia, um dos mais fortes aliados da Síria, negue que tenha sido alcançado um consenso./ Representantes dos membros permanentes do Conselho de Segurança – Grã-Bretanha, China, França, Rússia e Estados Unidos – se reuniram para um almoço na quarta-feira com

West Says U.N. Nears Syria Resolution

By SOMINI SENGUPTA

Published: September 25, 2013

UNITED NATIONS – After months of crippling deadlock, members of the United Nations Security Council have inched closer to the details of a binding resolution on Syria, Western diplomats said Wednesday, though Russia, one of Syria's strongest allies, denied that a consensus had been reached.

Representatives of the permanent members of the Security Council – Britain, China, France, Russia and the United States – met for lunch on Wednesday with Ban Ki-moon, the secretary general, to discuss the crisis in Syria. Two diplomats said they had reached a consensus on the broad elements, including “a reference” to sanctions should Syria fail to comply with its obligations. They said the resolution would also include language to hold accountable the perpetrators of a chemical attack in August, though it was not likely to include language compelling a referral to the International Criminal Court.

Todos os membros do conselho de segurança chegaram então a um consenso sobre o desarmamento da Síria. O papel sírio é entregar as armas cumprindo um cronograma de obrigações. A resolução iria incluir os crimes cometidos pelo uso de armas químicas, mas parece que o consenso tendeu a não levar o caso à corte de crimes internacionais. Em vários artigos subsequentes, encontramos relatos do aceite sírio ao pacto e um acompanhamento do progresso no país, como podemos ver nas seguintes manchetes:

Some Progress on Syria

By THE EDITORIAL BOARD

Published: September 26, 2013

Syria Will Attend Geneva Peace Talks

By BEN HUBBARD

Published: November 27, 2013

Evidentemente, durante esse período inicial, a punição foi evitada. Entregar armas não significa que uma sanção foi aplicada e o caso encerra-se, desde que a Síria obedeça às suas obrigações, sem que o julgamento das ações, de

Ban Ki-moon, secretário-geral, para discutir a crise na Síria. Dois diplomatas disseram ter chegado a um consenso sobre os elementos amplos, incluindo “uma referência” às sanções caso a Síria não cumprisse suas obrigações. Eles disseram que a resolução também incluiria um texto para responsabilizar os autores de um ataque químico em agosto, embora não seja provável que inclua uma parte que indique uma referência ao Tribunal Penal Internacional (tradução nossa).

fato, acontecesse. Observamos que o quarto nó de Todorov está presente na narrativa dos conflitos na Síria: Y não pune X.

Para concluir nossa análise, gostaríamos de salientar um aspecto da teoria de Todorov. Como mencionamos no início do artigo, a narrativa é uma passagem de um equilíbrio a outro. Trata-se de um processo de *degradação*, em que um equilíbrio prévio se transforma em um desequilíbrio. Mas o desequilíbrio não dura para sempre, a tendência é que a narrativa retorne ao equilíbrio. O retorno pode ser um retorno ao equilíbrio anterior, aquilo que o autor chama de punição evitada ou uma conversão, a passagem a uma outra forma de equilíbrio que representaria uma melhora.

Gostaríamos de traçar esse paralelo na narração midiática dos conflitos na Síria. Pelo que pudemos observar nas análises realizadas, a intriga mínima se estabelece de forma completa. O equilíbrio sírio se degrada, transforma-se em desequilíbrio pelas manifestações e pelos conflitos em todo o país e retorna a um equilíbrio depois do pacto proposto pelo conselho de segurança, finalizando a *trama*, mas não a *fábula*. Em artigos do jornal *The New York Times* posteriores ao pacto, observamos a cobertura do cumprimento desse pacto pelo governo sírio que, embora não tenha seguido as datas estipuladas, acaba por cumprir sua parte no descarte das armas químicas. Mas um último artigo nos chamou bastante a atenção, solidificando nossa visão de que, no esquema de Todorov, o equilíbrio volta a essa condição com a punição evitada. Vejamos o trecho de um artigo posterior.

- Excerto 12¹²

Victory in Syrian Election Is Show of Assad's Control

By ANNE BARNARD

JUNE 4, 2014

BEIRUT, Lebanon — President Bashar al-Assad of Syria on Wednesday celebrated his **overwhelming victory in a deeply disputed election**, asserting his confidence and defiance in the Syrian conflict as supporters savored his success in thwarting the United States.

¹² Vitória nas eleições sírias é demonstração de controle de Assad/ Por ANNE BARNARD/ 4 DE JUNHO DE 2014/ BEIRUTE, Líbano – O presidente da Síria, Bashar al-Assad, comemorou nessa quarta-feira sua vitória esmagadora em uma eleição profundamente disputada, afirmando sua confiança e resistência no conflito sírio. Seus apoiadores saboreiam seu sucesso em frustrar os Estados Unidos./ As autoridades sírias anunciaram que Assad havia sido reeleito com 88,7% dos votos e relatou a participação de 73,4% dos eleitores elegíveis. Esses números poderiam ser questionados em muitos níveis, mas isso não importou muito, pois a eleição foi principalmente uma demonstração do controle contínuo de Assad de importantes cidades sírias, a lealdade de seus principais apoiadores e as falhas de sua oposição e seus apoiadores.

Syrian officials announced that **Mr. Assad had been re-elected with 88.7 percent of the vote** and reported turnout of 73.4 percent of eligible voters. Those numbers could be questioned on many levels, but that did not matter much, as the election was primarily a display of **Mr. Assad's continued control of important Syrian cities, the loyalty of his core supporters and the failures of his opposition and its backers.**

For United States officials, it was a less triumphant day. Mr. Assad's supporters celebrated with gunfire in Damascus and even in neighboring Lebanon, where Secretary of State John Kerry paid a visit on Wednesday. But the Americans were confronted with a sense that their policy on Syria and in the region was adrift.

Esse artigo, de junho de 2014, mostra os resultados das eleições na Síria. O presidente Bashar al-Assad é eleito, para seu terceiro mandato, por 88,7% dos votos. Sem entrar em detalhes sobre como as eleições foram realizadas, apenas indicando que os resultados podem ser questionados, a reportagem indica que o que é importante ressaltar é que o presidente Bashar continua no controle das cidades importantes da Síria. Consideramos esse artigo como evidência de que, na estrutura da intriga, a punição foi evitada e o equilíbrio volta exatamente ao mesmo patamar daquele anterior à guerra civil.

Concluimos afirmando que a narratividade da guerra, retratada pela mídia, obedece às mesmas estruturas observadas em romances policiais, como descrito por Todorov, e conseqüentemente pode ser interpretada como análoga a esse gênero. Entendemos que essa estrutura está, assim como as estruturas linguísticas, na base de nossa percepção do mundo e das experiências que nos cercam, pois são constituídas pela linguagem. Em conseqüência, ela se faz presente na mídia, pois se torna o nosso acesso a experiências que estão fora da nossa vivência pessoal. O leitor, possivelmente, tem sempre a mesma atitude diante da leitura: a expectativa de encontrar um conflito, uma intriga, seja em um jornal, seja em uma ficção.

A intriga, objeto de nosso estudo, assim como a narrativa, também pode ser vista como um alicerce na observação da realidade. A mídia, ao dar cobertura a acontecimentos do mundo, acaba se tornando um veículo estruturador de experiências reproduzindo essas categorias de percepção e organização. A vida inscreve-se em uma percepção narrativa como uma forma de organizar o mundo e dar sentido a ele.

The New York Times narrative about the Syrian War coverage: revisiting a study on the intrigue

Abstract

This paper aims at analyzing the narrativity of Syrian War coverage by the American newspaper *The New York Times*. We try to demonstrate, making use of a narrative perspective based on the theories of Tzvetan Todorov (1970), that the same narrative order described by the author is present in the way the press describes the conflict. We believe that, although the structure described by the author is related to fiction, it constitutes a form of knowledge that also shapes the way we deal with and understand our reality and experience.

Keywords

Discourse. Syrian War. Narrative.

REFERÊNCIAS

MARTELOTTA, M. E. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 2009. Disponível em: <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2018.

THE NEW YORK TIMES. Article archive. 2019. Disponível em: <http://www.nytimes.com/search/sitesearch>. Acesso em: 10 jan. 2018.

TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1970.